



Qual fruto é branco?

“O fruto era branco, excedendo toda brancura que eu já vira.”

1 Néfi 8:11

O conhecimento

A famosa visão de Leí da Árvore da Vida inclui esta memorável apresentação: “E aconteceu que me aproximei e comi de seu fruto; e vi que era o mais doce de todos os que já havia provado. Sim, e vi que o fruto era branco, excedendo toda brancura que eu já vira” (1 Néfi 8:11; itálico adicionado).

Este detalhe sobre o fruto da Árvore da Vida, que era “branco, excedendo toda brancura”, encontra um paralelo interessante nas antigas crenças judaico-cristãs. Em uma apresentação de 2005, Margaret Barker, uma estudiosa bíblica que não é membro da Igreja de Jesus Cristo, fez uma pergunta: “As revelações de Joseph Smith se encaixam nesse contexto, do reinado do rei Zedequias [...] [que] foi nomeado rei de Jerusalém em 597 [a.C.]?” Mais tarde, ela ofereceu uma série de exemplos que, em sua opinião, afirmam que “a revelação da história [do

Livro de Mórmon] a Joseph Smith não está fora de sintonia” com o mundo antigo do Oriente Próximo.

Um exemplo oferecido por Barker é a descrição do fruto branco da visão de Leí, que encontra uma semelhança com as antigas crenças judaico-cristãs. O primeiro tratado cristão (gnóstico) intitulado Sobre a Origem do Mundo inclui uma descrição do paraíso (o jardim do Éden) e da Árvore da Vida.

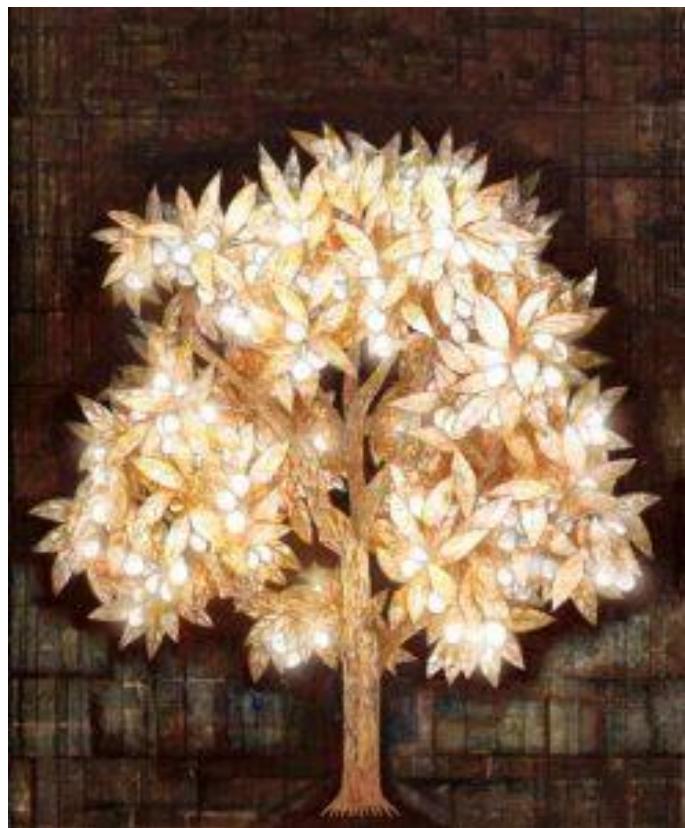


“A Árvore da Vida se assemelha ao sol, e seus ramos são belos”, diz o texto. Suas folhas são como as folhas do cipreste, seu fruto é como o cacho de uvas brancas, e sua altura atinge o céu. Há um paralelo com o texto judaico não canônico 1 Enoque, que descreve a fragrante “árvore da sabedoria” como contendo cachos de uvas (1 Enoque 32:4-6).

Em uma linha semelhante, C. Wilfred Griggs chamou a atenção para o fato de a árvore do paraíso ser um cipreste branco (ou possivelmente brilhante) na antiga religião grega.

Barker menciona que não tinha conhecimento de outras fontes antigas que descreviam a fruta como sendo branca até encontrar o Livro de Mórmon. “Imaginem minha surpresa”, exclamou Barker, “quando li o relato da visão de Leí sobre a árvore cujos frutos brancos fazem alguém feliz (1 Néfi 11:4-23).” Barker concluiu: “Essa revelação a Joseph Smith é o antigo simbolismo de Sabedoria, intacto e provavelmente como era conhecido em 600 a.C.

O porquê



Estudiosos dentro e fora da fé dos santos dos últimos dias começam a reconhecer que o Livro de Mórmon contém muitos ensinamentos e símbolos em harmonia com as primeiras crenças judaico-cristãs e outras crenças mediterrâneas antigas. Esses ensinamentos podem ser encontrados incorporados na narrativa e na teologia de seu texto. Uma dessas concepções religiosas associava a cor branca à santidade e à sacralidade.

O sumo sacerdote israelita, por exemplo, usava linho branco como sinal de sua santa vocação (Levítico 16:4, 32) e o linho branco é usado por seres celestiais (anjos e os santos redimidos) no Apocalipse de João (Apocalipse 3:5, 18; 4:4; 6:11; 7:9, 13; 15:6; 19:8). A descrição no Livro de Mórmon de um fruto branco que adorna a Árvore da Vida pode, portanto, ser interpretada como um símbolo de algo santo e sagrado a ser colhido livremente e comido com alegria por todos os que buscam a retidão e a vida eterna.

Leitura complementar

Margaret Barker, “Joseph Smith and Preexilic Israelite Religion”, em *The Worlds of Joseph Smith*, ed. John W. Welch (Provo, UT: Brigham Young University Press, 2005), pp. 69–82.

Daniel C. Peterson, “Nephi and His Asherah: A Note on 1 Nephi 11:8–23”, em *Mormons, Scripture, and the Ancient World: Studies in Honor of John L. Sorenson*, ed. Davis Bitton (Provo, UT: FARMS, 1998), pp. 191–244.

Gerald E. Smith, *Schooling the Prophet: How the Book of Mormon Influenced Joseph Smith and the Early Restoration* (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2015).

Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 1: pp. 214–22.

C. Wilfred Griggs, “The Book of Mormon as an Ancient Book”, em *Book of Mormon Authorship: New Light on Ancient Origins*, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1982), pp. 75–102.



Notas de rodapé

1. Margaret Barker, “Joseph Smith and Preexilic Israelite Religion,” em *The Worlds of Joseph Smith*, ed. John W. Welch (Provo, UT: Brigham Young University Press, 2005), pp. 69.
2. Barker, “Joseph Smith and Preexilic Israelite Religion”, p. 72.
3. Marvin Meyer, trad., “On the Origin of the World”, em *The Nag Hammadi Scriptures*, ed. Marvin Meyer (New York: HarperOne, 2007), p. 210. Traduzido por Book of Mormon Central.
4. C. Wilfred Griggs, “The Book of Mormon as an Ancient Book”, em *Book of Mormon Authorship: New Light on Ancient Origins*, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1982), p. 86.
5. Barker, “Joseph Smith and Preexilic Israelite Religion”, p. 76, ênfase no original. Compare os comentários de Barker com o de Griggs aqui “*The Book of Mormon as an Ancient Book*,” pp. 75–102; Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon* (Salt Lake City: Greg Kofford Books, 2007), 1: pp. 214–22; Gerald E. Smith, *Schooling the Prophet: How the Book of Mormon Influenced Joseph Smith and the Early Restoration* (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2015), pp. 71–85.
6. 1 Néfi não é o único texto no Livro de Mórmon a expor o simbolismo doutrinário da Árvore da Vida e seu fruto branco. A visão de Leí é explorada no Livro de Mórmon de uma maneira rica e significativa. Ver Daniel L. Belnap, Gaye Strathearn e Stanley A. Johnson, ed. *The Things Which My Father Saw: Approaches to Lehi ‘s Dream and Nephi’s Vision* (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2011).